

AGRICULTORES EM TEMPO PARCIAL NO OESTE AFRICANO: O CASO DA PROVÍNCIA DO ESTUÁRIO NO GABÃO¹

Dalva Maria da Mota²

Nathalie Besson³

INTRODUÇÃO

O Gabão é um pequeno país de 267.000 Km², para uma população de cerca de 1.100.000 habitantes. Esta população se divide em nove províncias, onde a do Estuário é a mais importante e comporta 30% da população total do país, sendo que, 24% destes vivem na capital, Libreville. As principais atividades econômicas do país são a exploração de madeira e o petróleo.

O meio rural da província do Estuário se caracteriza por uma atividade agro-florestal familiar, orientada principalmente para a produção de culturas alimentares, como mandioca e banana, destinadas ao autoconsumo.

Nas proximidades da maior cidade do país, Libreville, pratica-se uma agricultura itinerante de desmatamento e queima, onde o único

¹ Texto elaborado a partir da pesquisa *"Agriculture itinérante et enjeux fonciers dans la province de l'Estuaire, Gabon"*, desenvolvida pelo INRA-Montpellier e IGAD-Gabão em junho/agosto de 1996.

² Pedagoga, M.Sc., EMBRAPA/CPATC, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju-SE.

³ Eng.-Agr., 14 rue du bois de Fouilloux 17530 Arvert- France.

modo de conservação do solo é o pousio e o principal meio de produção é a força de trabalho familiar. Mesmo nestas árduas condições de produção (instrumentos rudimentares, não utilização de insumos, longa distância dos plantios, força de trabalho predominantemente feminina e com idade avançada), esta agricultura é suficiente para, a partir de uma unidade reduzida de produção, suprir uma unidade de consumo, normalmente ampliada pelos membros que residem na zona urbana.

Libreville constitui um importante pólo de atração para a população rural que busca trabalho mais remunerador e menos duro que a agricultura, como também uma melhor oferta de serviços e infraestruturas, como educação, serviços de saúde e lazer.

A disparidade observada entre os níveis de vida rural e urbano é conseqüência de uma política agrícola que privilegiou o setor agroindustrial em detrimento dos pequenos camponeses e que provocou uma crise na agricultura do país. A participação da agricultura no PIB é de apenas 7% e o Gabão depende de outros países como Camarões, Congo, Guiné Equatorial, França, etc., para suprir as suas necessidades de produtos alimentares.

Como conseqüência, a população economicamente ativa do país tem pouco interesse nas atividades agrícolas e prefere tentar outras possibilidades ocupacionais na cidade. Recentemente, no entanto, a degradação das condições econômicas do país, como reflexo da crise mundial, limitou o campo de trabalho urbano e surgiu um novo interesse pela atividade agrícola por aqueles que habitam na cidade. Este retorno pode ser definitivo ou parcial. O objetivo deste trabalho é analisar o segundo caso, ou seja, o retorno à terra em tempo parcial na província do Estuário no Gabão.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada segundo duas abordagens. Na primeira, a unidade de trabalho foi o povoado. Para isto, 14 povoados foram escolhidos segundo os critérios de localização, tamanho, diversidade étnica, atividades econômicas e distância da capital. Em cada um dos

povoados uma entrevista semi-aberta coletiva foi realizada com diferentes membros, como autoridades, participantes de associações, camponeses, extensionistas, etc. Esta primeira abordagem permitiu adquirir uma visão geral da dinâmica histórica, social e econômica do povoado, bem como explicitar os objetivos da pesquisa e firmar contatos para as próximas atividades.

A segunda etapa teve como objetivo aprofundar os conhecimentos específicos ao tema e se desenvolveu em nível individual através de diferentes instrumentos, como questionários, entrevistas, histórias de vida e jornadas de imersão. Os questionários foram aplicados a 45 camponeses e as entrevistas e histórias de vida a apenas aqueles que desenvolviam a agricultura em tempo parcial, no total de 12 camponeses. As informações pesquisadas eram relativas, principalmente, às estratégias fundiárias, trajetórias de vida, organização do trabalho e conflitos inerentes à inserção parcial no meio rural. Esta abordagem foi complementada pela construção de mapas do território de dois povoados onde a presença dos agricultores em tempo parcial é mais representativa numericamente. Diferentes pessoas que conheciam a estrutura social das áreas em estudo foram envolvidas, como membros das primeiras famílias residentes, pessoas importantes nos mecanismos de tomada de decisão, camponeses, etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PROVÍNCIA DO ESTUÁRIO

O regime climático da região do Estuário é do tipo equatorial de transição, caracterizado por uma abundância de chuvas, 2.000 à 3.800 mm/ano, onde as máximas são registradas em outubro-novembro, e pela existência de uma estação seca marcada de junho a setembro. As temperaturas são quase constantes e oscilam em torno de 26°C.

O relevo da região é ondulado e constituído por um conjunto de pequenas colinas de forma convexa, separadas por depressões úmidas. A rede hidrográfica é densa, mas a maior parte dos rios e cursos de água são temporários e secam na estação seca. Os solos são

ferrolíticos, profundos e o potencial agrônômico, com relação à fertilidade dos solos sobre cobertura florestal, é fraco.

No meio rural há uma diversidade de atividades, onde as mais importantes são: agricultura tradicional, a pesca e a exploração madeireira. As duas primeiras atividades são conduzidas por camponeses com finalidade do autoconsumo. A terceira atividade é desenvolvida por empresas privadas ou do Estado, que utilizam mão-de-obra camponesa, em particular masculina, como assalariada.

A população do Estuário está estimada em 462.086 habitantes (RICHARD e LEONARD, 1993), ou seja, 30% da população total do país, sendo que deste total, 24% concentram-se na capital. A densidade populacional, em torno de 20 habitantes/km² é superior àquelas de outras províncias do País. Esta população é igualmente heterogênea do ponto de vista étnico, com a presença das etnias Fangs, Bapunu, Banzebi, Massangu, Mitsogho, Bafungu, Bapuvi e outras que coabitam nesta região costeira. O Estuário é um lugar de misturas étnicas, mas também uma zona receptora de imigrantes provenientes de outros países africanos.

Os povoados da região do Estuário se localizam ao longo das estradas principais e secundárias. Eles se organizam em três espaços distintos. Esses três espaços são sucessivamente uma zona de habitação, uma segunda zona constituída pelas parcelas cultivadas ou terrenos em pousio e uma terceira constituída por parcelas também em cultivo e pousio de longa duração e, sobretudo, floresta secundária.

A organização da utilização das diferentes zonas depende do poder local, em geral organizado segundo um duplo sistema administrativo e tradicional. O primeiro, formado por chefes de povoado, designados pela administração pública. O segundo, formado pelos representantes das famílias fundadoras do povoado, ou seja, os primeiros habitantes.

Em nível organizacional, são as organizações familiares que predominam segundo as características culturais étnicas (matrilinear ou patrilinear). Existem também modos de organização intra-étnicos, concernentes, sobretudo, às festividades mais recentes, como

por exemplo, a festa da independência do País, que coexistem sob a organização do poder local oficial.

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA AGRICULTURA GABONESA

1. *Uma nova agricultura no meio rural gabonês?*

Uma agricultura em tempo parcial é uma atividade desenvolvida por um dos membros responsáveis pela família, em um povoado geralmente próximo à capital, Libreville, onde normalmente exerce uma ocupação profissional em tempo integral ou parcial. A memória oral afirma que estes agricultores passaram a existir depois de 1985/86. Este período coincide com o início da recessão econômica do País, que culminou com a desvalorização da moeda nacional e originou uma acentuação do nível de desemprego na cidade, com a conseqüente baixa do poder de compra dos seus habitantes.

A decisão de desenvolver uma agricultura em tempo parcial não é uma decisão individual, mas uma estratégia familiar. Esta estratégia é concernente ao casal e aos filhos. A adoção desta estratégia tem por objetivo a satisfação das necessidades da família em produzir, ela mesma, uma parte dos produtos alimentares que consomem ou cria um excedente de renda pela venda desta produção. O resultado é a preservação de um nível de vida superior àquele que apenas a atividade assalariada permitiria. A agricultura em tempo parcial é a atividade que permite à família desenvolver outras atividades ao mesmo tempo e se desenvolver segundo a disponibilidade de tempo de seus membros e das suas necessidades. Assim, homens e mulheres podem conservar, ao mesmo tempo, um trabalho assalariado na cidade e um trabalho em tempo parcial no campo.

Estes agricultores desenvolvem duplamente ou até mesmo triplamente (no caso de mulheres que acumulam um trabalho assalariado na cidade, agricultura em tempo parcial e as atividades domésticas) as suas atividades.

2. *Quem são os agricultores em tempo parcial?*

Estes novos agricultores têm trajetórias de vida análogas. Em geral, se situam na faixa etária de 35 a 50 anos, período de plena atividade profissional. Pertencem todos a etnias que não são dos primeiros fundadores da região do Estuário (os primeiros habitantes são da etnia Fangs). Por este motivo, são considerados estrangeiros no meio rural onde cultivam, mesmo que já habitem nesta região há muitos anos. Todos os entrevistados migraram dos seus povoados de origem com a idade de 12 a 20 anos, para estudar na cidade (os homens) ou para se casar (as mulheres). Nascidos no mundo rural, eles o abandonaram em busca de novas oportunidades na cidade e, uma vez nesta, se defrontaram com a necessidade de retornar, mesmo que parcialmente, para assegurar a sobrevivência das suas famílias. As suas trajetórias de vida têm um percurso rural, urbano e urbano-rural.

Como elementos de diferenciação, constatou-se que as mulheres são as mais freqüentes agricultoras em tempo parcial. Algumas delas desenvolviam, anteriormente, a atividade de empregada doméstica, mas diante da possibilidade de desenvolver uma atividade agrícola, a abandonaram e se dividem entre a família e a agricultura. Outras mulheres continuam alternando a atividade assalariada (doméstica, enfermeira, secretária) durante a semana, com a atividade agrícola durante os finais de semana, especialmente no sábado. O tempo livre que resta, às noites e domingos, é dedicado às atividades familiares. Os homens, em todos os casos pesquisados, têm um emprego público.

3. *Modos de acesso à terra*

O modo de acesso à terra para os agricultores em tempo parcial é variável, mas não difere das condições de acesso à terra pelos camponeses habitantes do povoado, que pertencem a outras etnias que não àquela fundadora do mesmo. Os elementos que mais influenciam os modos de acesso são a grande procura por terra nas proximidades da capital e as diferentes compreensões étnicas quanto ao seu uso.

3.1. *Apropriação da floresta secundária*

Segundo a compreensão tradicional de propriedade, para as diferentes etnias (com exceção dos Fangs), a primeira exploração da floresta confere um direito inalienável e transmissível por herança. Da mesma maneira que os camponeses residentes, os agricultores em tempo parcial podem se apropriar destas terras. Em geral, são terras distantes das sedes dos povoados, há mais de uma hora e meia de caminhada. No momento da pesquisa esta forma de acesso era exercitada por 38% dos entrevistados e as terras não eram reivindicadas pelos membros da etnia Fangs. Mas, à proporção que a pressão fundiária aumenta, existe uma tendência de reivindicação dessas terras para os herdeiros, que tenderão a buscar os seus direitos de primeiros fundadores. Para os membros dessa etnia, que são fundadores de numerosos povoados no Estuário, o direito de propriedade fundiária não se limita aos campos cultivados, mas englobam igualmente a floresta próxima ao povoado, nos limites estabelecidos pelos fundadores de povoados vizinhos. Assim, a tolerância de ocupação dessas terras por outras etnias tende a ser temporária. Já é possível constatar conflitos pelas discordâncias em torno dos limites de parcelas de cultivo.

3.2. *Atribuição de terra por um parente habitante do povoado*

A atribuição de uma parcela de terra por um membro da família é o modo tradicional por excelência de acesso à terra. Os agricultores em tempo parcial não são excluídos deste modo, mas apenas 12% o utilizavam. A única condição é possuir um parente no povoado e a atribuição se desenvolve segundo as normas em vigor.

3.3. *Locação*

A locação de parcelas é o modo de acesso à terra por 25% dos agricultores em tempo parcial. A duração de locação não excede um ciclo de cultivos (em geral, o ciclo de produção da mandioca). O preço é negociado entre as duas partes e varia em função da distância e do tamanho da parcela. A locação é cada vez mais praticada nos povoados próximos à Libreville e a concepção da terra como um bem da natureza, que podia ser doado a quem necessitasse para trabalhar, mesmo que dentro de uma mesma etnia, começa a ser substituída por

uma concepção de mercado.

3.4. Compra

A pesquisa constatou que a compra é o modo de acesso à terra para 25% dos agricultores em tempo parcial. Uma parcela de terra, de um mesmo tamanho, pode ser vendida a 60 km de Libreville pelo mesmo preço pelo qual é alugada a 30 km. No entanto, a venda não se pratica em todos os povoados pesquisados, chegando mesmo a ser proibida em alguns dos povoados pelos seus fundadores. Caso contrário, eles são os únicos a se considerarem com o direito de vendê-la. Essas diferenças observadas de um povoado a outro, são estreitamente ligadas à distância em relação à capital. Quanto mais longe do centro urbano, mais a terra é disponível, o seu potencial agrônômico é elevado e a pressão fundiária é menor. Nessa situação, a terra ainda é considerada um patrimônio social, que deve estar acessível a todos que têm necessidade, sem contrapartidas e dentro das normas do direito consuetudinário.

A demanda crescente por terra nas zonas de perímetro urbano modificou a concepção tradicional de uso da terra e impôs novas dificuldades aos agricultores em tempo parcial.

4. Atividades agrícolas e organização do trabalho

4.1. Uma agricultura em tempo parcial

As atividades dos agricultores em tempo parcial são organizadas de maneira que a sua presença diária nos campos de cultivo seja dispensável. O tempo que esses agricultores dedicam à agricultura limita-se aos sábados, para aqueles que têm outras atividades na cidade, e não excede três dias por semana, para as mulheres que não têm uma atividade assalariada. Em conseqüência, os seus cultivos são geralmente menores que aqueles dos camponeses residentes. Em período de forte demanda de trabalho, a família se organiza para passar o fim de semana no povoado, em uma pequena casa construída provisoriamente próxima ao campo de cultivo ou na casa de algum parente. Os dias de trabalho são definidos em função das necessidades agrícolas (desmatamento, queima, plantio), das necessidades de alimento da fa-

mília e da disponibilidade de dinheiro para pagar o transporte de ida e volta da cidade ao campo. Os períodos de férias são relacionados à maior freqüência da família no meio rural.

4.2. *As práticas agrícolas*

Do ponto de vista cultural, as práticas dos agricultores em tempo parcial são idênticas àquelas dos camponeses residentes. As estratégias de produção variam em função das possibilidades agroecológicas e técnicas, fundiárias, humanas e financeiras.

Os agricultores optam pelo cultivo dos produtos que melhor se adaptam às condições naturais. Assim, a mandioca, que é uma planta rústica e que produz mesmo em solos pobres, é encontrada em todos os povoados onde a densidade populacional é alta e a prática de pousio é de curta duração. A banana, que é uma cultura exigente em água e elementos minerais, só pode ser cultivada após o desmatamento da floresta secundária ou nas depressões mais úmidas e mais férteis que as colinas. Estas, em geral, destinadas à mandioca. A cana-de-açúcar é plantada nos mesmos solos que a mandioca, mas a sua produção se destina exclusivamente à transformação em suco, que dará origem ao vinho de cana, bebida muito apreciada. A escolha desses produtos pelos agricultores em tempo parcial e pelos camponeses residentes depende, em boa parte, das condições agroecológicas ou técnicas.

O segundo fator determinante é a disponibilidade de terra, considerando que os agricultores em tempo parcial são bens mais numerosos nos povoados próximos da capital. Assim, a pressão exercida sobre a terra, nos perímetros urbanos, limita a superfície cultivada para esses agricultores. Nos povoados localizados mais longe da capital, a terra é mais disponível e as superfícies cultivadas são maiores. No entanto, as dificuldades de deslocamento são um empecilho. Observa-se uma correlação entre disponibilidade e nível de fertilidade do solo: quanto mais longe da capital, os solos são mais férteis e acessíveis aos agricultores.

O terceiro fator é a disponibilidade da força de trabalho, que influencia na organização de produção. A divisão social do trabalho

agrícola entre homens e mulheres é a mesma para os agricultores em tempo parcial e os camponeses residentes. O homem, com os filhos, são responsáveis pelas atividades de abate e desmatamento e a mulher, com as filhas, se ocupam da plantação, das limpas, da colheita e do transporte dos produtos. Qualquer um desses tipos de agricultores utiliza mão-de-obra temporária assalariada para o abate e o desmatamento e, algumas vezes, para as limpas. O emprego dessa mão-de-obra suplementar permite aumentar as superfícies cultivadas e escolher produções mais exigentes em trabalho, como é o caso da banana. A mão-de-obra contratada provém, geralmente, dos povoados onde estão instaladas as plantações.

Constata-se que cada um dos agricultores em tempo parcial possui uma capacidade financeira de investir na agricultura (compra ou locação de terras, emprego de mão-de-obra assalariada), mas faz a sua escolha segundo a orientação que deseja dar a sua atividade: consumo familiar ou venda.

4.3. Estratégias de produção: consumo familiar ou comercialização dos produtos agrícolas

A preocupação dos agricultores em tempo parcial é assegurar um complemento alimentar para suas famílias, seja através do cultivo de produtos alimentares, seja através da produção para venda. As duas estratégias permitem amenizar as dificuldades enfrentadas pelos baixos salários percebidos na zona urbana.

Após cada dia de trabalho o produtor transporta uma quantidade de mandioca e banana para a alimentação da família. Uma pequena parte dessa produção é vendida na margem da estrada ou em um mercado da cidade. A quantidade vendida é avaliada em função das necessidades alimentares da família e permite o pagamento do transporte dos produtos e do seu transportador. Essa estratégia de produção é mais freqüente nos povoados próximos a Libreville, onde a pressão fundiária e o baixo nível de fertilidade dos solos limitam as superfícies e os rendimentos. Setenta e cinco por cento dos agricultores em tempo parcial desenvolvem essa estratégia.

Alguns produtores, (em torno de 25%) adotam uma estratégia

oposta e investem na agricultura, com a utilização predominante de mão-de-obra assalariada para a produção de banana ou mandioca em superfícies maiores. Das quantidades produzidas, cerca de 90% são destinadas à venda. A comercialização se dá diretamente através de comerciantes. Mesmo se a maior parte da produção for vendida, as necessidades alimentares da família serão satisfeitas.

5. A Construção de uma Identidade Social

5.1. A auto-imagem dos agricultores em tempo parcial

A maneira de se ver desses agricultores é muito influenciada pela sua falta de inserção social nos povoados onde realizam suas plantações. Na tradição africana, fazer parte de uma estrutura social rural é o reconhecimento de uma identidade social bem definida, que permite o acesso a um território de habitação, de produção e de participação na vida rural, nos aspectos religioso, de lazer, etc.

Os agricultores não residentes são exteriores a essa organização e se reconhecem como pessoas que tiveram a necessidade de abandonar seus povoados, suas famílias e seus campos tradicionais de cultivos em busca de uma melhoria de suas condições de vida. Essa busca, no entanto, não foi suficiente para atender as suas necessidades e os obriga a buscarem outras atividades em um território 'estrangeiro'.

A forma de se ver é muito diferente entre os homens e as mulheres que fazem esse tipo de agricultura. Os primeiros se vêem de uma forma muito negativa, especialmente por serem considerados 'estrangeiros', ou seja, devido ao fato de não serem originários da região do Estuário. Para eles o fato dos camponeses residentes terem direito a um quintal, um campo de cultivo mais próximo, o reconhecimento de pertencerem ao povoado e o fato de estarem sempre presentes, são elementos importantes de diferenciação. Assim se referem a estas condições:

"A gente representa uma ameaça para os camponeses quando a gente ocupa um lugar para cultivar";

"Minha produção mais fraca do que aquela de quem está no campo todo tempo";

“As pessoas que ficam aqui têm tempo de fazer agricultura, eles são melhor organizados porque todos os dias eles estão presentes, eles produzem mais porque eles têm muitos cuidados”.

Para as mulheres, a possibilidade de desenvolver uma atividade agrícola, mesmo que em tempo parcial, é muito importante e esta apreciação é influenciada pelo exercício da sua capacidade de reprodutora da família, muito valorizada socialmente e também pelo fato de ter um trabalho que valoriza sua experiência. Assim, elas afirmam que:

“Fazer agricultura é produzir a comida para a família, mas é também uma coisa do coração”;

“Sempre a gente tem disponibilidade de alimento para família. Quando falta qualquer coisa na minha casa a gente vem e pega aqui e aí tem o que comer”;

“O único inconveniente é a distância, o preço do transporte. É difícil de fazer um campo como a gente quer porque a gente não está o tempo todo aqui”.

5.2. A visão dos camponeses residentes sobre os agricultores em tempo parcial

Em geral, os camponeses residentes têm uma visão negativa sobre os agricultores em tempo parcial, especialmente porque eles não têm nenhuma inserção social, eles pertencem a outro grupo social, são portadores de uma outra cultura e de hábitos diferentes.

Sob o aspecto da produção, eles são considerados como menos produtivos, pois eles vêm de maneira irregular e não têm uma capacidade de trabalho que lhes permita fazer grandes cultivos. Têm também a reputação de provocar diferentes tipos de conflitos, como ultrapassar os limites de seus cultivos, principalmente porque são provenientes de outras etnias e têm compreensão diferente sobre a utilização da terra. Os camponeses residentes afirmam que:

“Os agricultores mais importantes são aqueles que habitam aqui, porque eles são do lugar, não são estrangeiros, eles têm muita participa-

ção dentro do povoado, eles conhecem as coisas. Os estrangeiros fazem as suas plantações aqui mas habitam fora...”;

“O agricultor nativo participa de tudo do povoado, ele tem um trabalho diferente porque ele cultiva todos os dias, ele tem um grande campo, ele conhece melhor o seu trabalho...”;

“O estrangeiro saiu do seu lugar para Libreville, e depois vem pra cá, mas não respeita os limites e certos hábitos dos primeiros habitantes”.

A maneira como os agricultores em tempo parcial são vistos provocou o estabelecimento de diferentes formas de controle de utilização da terra, especialmente na região próxima a Libreville. Em consequência, é cada vez mais difícil ter acesso à terra e os agricultores de tempo parcial são obrigados a pagar ou a se estabelecer distante dos seus lugares de habitação. Essa situação tem provocado uma baixa dos rendimentos e um aumento da jornada de trabalho.

A visão dos dois tipos de atores rurais, aqui em análise, contribui ao reconhecimento da categoria social de agricultores em tempo parcial como um sujeito que se divide entre um tipo de vida rural e urbana. Sob o aspecto rural, suas atividades se resumem à agricultura, mas de uma forma parcial, que não permite sua participação em outras esferas, como por exemplo, as cerimônias e lazer. Sob o aspecto urbano, suas atividades são mais numerosas e sua inserção social mais importante. É na cidade que eles têm residência, que passam a maior parte do tempo, que têm acesso aos serviços como escola, serviços de saúde e lazer. Eles têm uma dupla identidade que depende de características rurais e urbanas.

CONCLUSÕES

Uma nova categoria social surge nos últimos dez anos na região do Estuário e tende a se acentuar em face das dificuldades econômicas enfrentadas pelos habitantes da zona urbana, especialmente

o crescimento do desemprego.

Socialmente, o trabalho feminino é valorizado para o desempenho desta nova função, pela possibilidade de multiplicação das suas atividades no mundo rural e urbano, e a família se beneficia duplamente dessa situação.

O desenvolvimento desse tipo de agricultura ocasionou modificações profundas na organização tradicional da estrutura fundiária em face da demanda crescente por terra, chegando mesmo, em algumas partes, a haver a substituição dos direitos tradicionais de uso por um sistema de mercado, como venda e locação. A evolução de uma concepção social a uma concepção econômica para o acesso à terra se estende progressivamente de Libreville para o interior do país.

Parte dos agricultores em tempo parcial estão dispostos a investir na agricultura, mas a grande maioria desenvolve suas atividades de forma tradicional. Mesmo assim, é nesse grupo que se observa uma maior abertura às inovações técnicas ou econômicas para compensar as pequenas áreas cultivadas, também como forma de assegurar a continuidade da atividade e ter mais segurança no aspecto de acesso à terra.

Praticar uma agricultura em tempo parcial em paralelo às transformações da estrutura fundiária, podem constituir passos importantes e irreversíveis a uma evolução técnica e econômica da agricultura gabonesa, indicando inclusive a adoção de sistemas de produção mais intensivos e sedentarizados.

BIBLIOGRAFIA

- BESSION, N.; KOTTÉ, B.; MOTA, D.; SIDIBE, M.; YONKEU, S., *Agriculture itinérante et enjeux foncier dans la province de l'Estuaire, Gabon*. Montpellier, 1996, 89p., (ICRA/IGAD. Documento de trabalho nº 55);
- JOUVE, P., *Le diagnostic du milieu rural de la région à la parcelle*, Approche systematique des modes d'exploitation agricole du milieu, Paris, 1992, 40p., (CNEARC. Etudes et travaux, 6);
- RICHARD, A.; LEONARD, G., *Le Gabon – géographie active*, Libreville: Institute Pedagogique National, EDICEF-EDIG. 1993. 520p.;
- ROSTIAUX, S., *Etude des systèmes de production de la zone Nkoltang – Ntoun, province de l'Estuaire (Gabon)*, ESAT-CNEARC, Montpellier, 1993, 60p.